

A NOVA ALIANÇA EM JEREMIAS 31

The New Covenant in Jeremiah 31

Pedro Evaristo Conceição Santos*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2786664792098453>

RESUMO: O artigo sobre A Nova Aliança em Jeremias 31 pode parecer de pouca relevância sobre o muito que se tem escrito sobre o assunto. Porém, existem dois elementos a considerar. Primeiro, a relevância da Nova Aliança para a Igreja de Cristo. Segundo, há o entendimento do Antigo Testamento (AT) que o conceito de Nova Aliança não está restrito somente ao livro de Jeremias. Como o artigo demonstrará, a ideia aparece dentro de outros livros proféticos, além do conceito de Novos Céus e Nova Terra de Isaías, como o lugar ideal para a plena realização dessa aliança. Assim, o artigo constará de três elementos. Primeiro, o artigo fará uma apresentação dos contextos anterior e posterior de Jr 31. Segundo, haverá a apresentação da exegese do texto da Nova Aliança em Jr 31. Por último, o artigo observará que o conceito de Nova Aliança aparece noutros livros proféticos.

Palavras-chave: Nova Aliança; Deus; Profeta; Profecia; Jeremias; Israel.

ABSTRACT: The article on The New Covenant in Jeremiah 31 may seem of little relevance to how much has been written on the subject. However, there are two elements to consider. First, the relevance of the New Covenant for the Church of Christ. Second, there is the Old Testament (OT) understanding that the concept of the New Covenant is not restricted to the book of Jeremiah alone. As the article will demonstrate, the idea appears within other prophetic books, in addition to Isaiah's concept of the New Heavens and New Earth, as the ideal place for the full realization of this covenant. Thus, the article will consist of three elements. First, the article will present the previous and subsequent contexts of Jr 31. Second, there will be a presentation of the exegesis of the New Covenant text in Jr 31. Finally, the article will note that the concept of the New Covenant appears in other prophetic books.

Keywords: New Alliance; God; Prophet; Prophecy; Jeremiah; Israel.

* Pedro Evaristo Conceição Santos é doutor em Letras com ênfase em Estudos Judaicos, pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor de Antigo Testamento (AT) e Hermenêutica, na graduação e pós-graduação, na Faculdade Teológica Batista de SP e no Seminário Batista Logos, São Paulo - SP. É também professor visitante nas disciplinas de AT na Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo (UCESP) Araçatuba-SP.

INTRODUÇÃO

Um pouco de história antes do artigo propriamente dito. Em julho de 1985, o professor Thomas F. Willson iniciava um curso de hebraico intensivo. Eu era parte daquele grupo de corajosos. Mas isso era apenas o começo. Em agosto chegaria seu filho, Marcos Willson, para mais nove semanas de Hebraico. Minha peregrinação nos estudos no AT tem o tempero desses irmãos que já estão com o Senhor. Em 2015, defendi minha tese doutoral, na USP, numa pesquisa em Deuteronômio.¹ Aquilo que começou em julho de 1985 frutificou num doutorado, com a preciosa ajuda dos Willson's.

Essa pequena história é uma forma breve de dizer que cheguei aonde cheguei por causa da minha iniciação em hebraico naquelas doze semanas de 1985. Nove delas com o Professor Marcos Wilson. Sou muito grato ao Senhor por isso. Quase desisti diante das dificuldades com a língua hebraica. Mas Deus foi assaz gracioso comigo. Segui em frente. Este artigo é um modo pequeno de louvar ao Senhor pela vida do Professor Marcos Willson.

A Teologia da Aliança e a Teologia do Dispensacionalismo têm maneiras diferentes de abordar a relação entre os testamentos, e a relação entre Igreja e Israel. A questão é hermenêutica. Ela diz respeito a continuidade e descontinuidade. Enquanto a Teologia da Aliança não encontra mais um papel para Israel a partir do Novo Testamento, O Dispensacionalismo entende que há elementos bíblicos suficientes para Deus voltar a tratar com Israel no futuro. Um deles, e, talvez, o mais forte, é a Nova Aliança, pois não somente porque ela ainda não foi realizada com nação de Israel, como Hebreus 8 a cita, repetindo as palavras do texto de Jeremias, em relação aos cristãos hebreus. A implicação natural disso é que há elementos textuais necessários para indicar que ela ainda será realizada em sua plenitude com o povo de Israel.

Dito isso, o artigo a seguir será desenvolvido da seguinte maneira: Primeiro, ele partirá do texto de Jeremias 31.31-34, analisando o seu contexto e o próprio texto. Depois, será feita uma pesquisa nos outros profetas para notar o conceito de Nova Aliança, em Jeremias, presente também em outros profetas. Terceiro - depois de tratar a Nova Aliança

¹ A tese de doutoramento já está publicada no formato livro: SANTOS, Pedro Evaristo Conceição. *Deuteronômio e os invisíveis da terra*. Campinas: Saber Criativo, 2019.

(NA) a partir dos dois testamentos, passaremos a discorrer sobre o ponto de vista de cada uma das teologias em vista.

1 – A NOVA ALIANÇA EM JEREMIAS 31

1.1 – O contexto de Jr 31.31-34

O texto de Jr 31.31-34, onde é declarada a profecia da NA, está dentro do que é chamado de O Livro da Consolação (FEINBERG, 1982, p. 202), o qual vai de Jr 30 a 33. Esta seção é chamada assim por expressar o pico de esperança para uma nação que está diante derrota completa para o exército da Babilônia. A completa destruição de Judá e Jerusalém, pelo exército babilônico, bem com a destruição e exílio do Reino do Norte, não apontava para o tratamento final com o Israel unificado, mesmo que as evidências do momento apontassem noutra direção.

Até Jeremias 29, tem havida ameaças e tristeza diante das trevas da destruição que viria sobre a nação, mesmo havendo alguns vislumbres de esperança. Mas os capítulos 30-33 revertem o quadro com uma nota marcante: Israel e Judá serão destruídos, mas não totalmente. Deus os reunirá e lhes dará um rei Davi, e com eles fará aliança eterna, e cumprirá os ideais do Sinai: “Ele será o seu Deus e eles serão o seu povo”. Ideal esse jamais realizado plenamente em qualquer momento da história de Israel, até hoje.

1.2 – O contexto anterior (Jr 30.1-31.30)

Esse contexto começa com a "angústia de Jacó" (30.7). Ela está entrelaçada com a promessa de que "vêm dias", em que Israel terá sua sorte mudada (30.3). É notável que dentro do Livro da Consolação há notas de juízo, mas a ênfase recai sobre a esperança da glória que haverá para Israel (cf. 30.1-11, 12-17; 31.1-14, 15-26, 27-30; 32.26-40). Ademais, considere-se que esses capítulos foram escritos, provavelmente, nos dois últimos anos do rei Zedequias, período próximo a queda de Jerusalém, e do maior massacre sofrido pelo povo até então (SHEDD, 1983, p. 763-764).

Parece contrastante, mas a nação está prestes a sucumbir por causa de seu pecado de rebeldia contra o Senhor, e Jeremias fala-lhe das mais elevadas promessas. O povo irá para o cativeiro, mas ainda continuará a ser o povo de Deus, e Deus não se esquecerá

dele, ao contrário, elevá-lo-á com um Novo Pacto. Há uma expressão típica que tem cinco ocorrências dentro dos contextos anterior e posterior: "eis que vêm dias" (30.3; 31.21, 31, 38; 33.14).

Essas referências sempre abrem um parágrafo, referindo-se ao futuro promissor de Israel. Em Jr 30.3, a promessa é para o retorno do cativo babilônico. E é na terra de Israel que o povo sofrerá a "angústia de Jacó". Mas haverá libertação do jugo dos povos de uma forma definitiva (30.8-9). Assim, os dias que vêm são dias de juízo, mas também de completa libertação, com o levantamento do futuro rei davídico (30.9). A expressão "aquele dia" (30.7, 8) ocorre em literatura profética para introduzir o Dia do Senhor (FEINBERG, 1982, p. 204). Quando Israel é ligado com aquele tempo, a sua agonia antecede a sua libertação.

Em 31.27, há a promessa da multiplicação da nação, em contraposição ao juízo que a reduzirá a um "toco" (Is 6.11-13). Essa promessa cabe a Israel e a Judá. Ela reflete a promessa de Deus feita a Abraão (Gn 12.2), a Isaque (Gn 26.4) e a Jacó (Gn 28.14). Em 31.31, o profeta trata da NA (este texto será detalhado mais adiante). Em Jr 31.38 há a profecia sobre a reconstrução e expansão da cidade de Jerusalém. Desde que as profecias tratem do Israel literal, então essa nação, plantada em sua terra, terá sua capital reconstruída para nunca mais ser destruída (31.40).

Novo Pacto requer uma cidade para a habitação e regência do novo rei Davi. Sua reconstrução não tem por finalidades seculares, mas para habitação da glória de SENHOR (31.40). Naturalmente, a Jerusalém reconstruída não se refere à reconstrução que ocorreu sob Neemias. O contexto refere-se aos tempos do fim para Israel (v. 27, 31, 38); o templo reconstruído sob Zorobabel foi destruído em 70 AD.

As fronteiras desta cidade são bem mais amplas do que as já conhecidas pela Arqueologia da cidade de Jerusalém; além disso, os detalhes que são prestados não favorecem uma interpretação espiritual do texto, mas literal (FEINBERG, 1982, p. 223). Finalmente, em 33.14, o profeta fala do rei davídico que será levantado pelo Senhor, para reinar em lugar de Davi.

Primeiro – esta passagem (33.14-26) não consta na Septuaginta, o que tem levado muitos comentaristas a não darem crédito a ela (FEINBERG, 1982, p. 235). Porém, a passagem está adequadamente encaixada dentro do seu contexto. Em Jr 30.9, a vinda do rei Davi é profetizada. Consideremos também que esse tema já foi abordado em Jr 23.1-

6. Segundo – o rei davídico será caracterizado por justiça (v. 15). Será ele quem libertará e garantirá a segurança de Jerusalém (v. 16). Terceiro – essa passagem também se refere aos sacerdotes levitas (v. 18).

Ela mostra a garantia ao povo de que o exílio não acabará com a dinastia davídica nem com a linhagem sacerdotal. Pelo contrário, assim como não se pode anular o dia e a noite, também não se pode anular a aliança do Senhor com Davi (cf. 2 Sm 7.14-17), e com os sacerdotes (v. 21). Essa profecia fazia oposição ao que o povo estava dizendo, que as famílias de Davi e Arão, eleitas pelo Senhor, estavam sendo rejeitadas (33.23, 24). Entretanto, Deus estava dando garantias para a casa de Davi e Arão, e, conseqüentemente, para toda a descendência de Jacó.

Em suma, nessas passagens, onde ocorre a expressão “eis que vêm dias”: Primeiro – tratam de tempos futuros para Israel, mas Israel unificado. Segundo – são mensagens dirigidas diretamente a Israel e Judá, mesmo que Israel já tenha perdido sua existência nacional há quase um século e meio, quando do anúncio da profecia de Jeremias 31.

Terceiro – as palavras ditas pelo profeta foram entendidas pelos seus ouvintes como se referindo a nação literal de Israel. A nação que retornará para a sua terra será Israel. O rei de Israel será um descendente de Davi que reinará na cidade de Jerusalém, reconstruída e fortalecida por ele. O contexto anterior traz também uma nota de alegria singular, a qual descreve a bem-aventurança do povo daquele tempo, ao ver o Senhor cumprindo a sua Palavra para com ele (31.1-26). O ideal do Sinai será plenamente cumprido, dando a razão fundamental para a alegria do povo: o povo será o povo de Javé, e Javé será o Deus de Israel (31.1). Amor e bondade estarão sempre com Israel (v. 3).

Por isso, Deus os livrará das espadas, fá-los-á retornar para habitar na sua terra (31.2, 4-9), numa atitude paternal singular do Senhor para com Israel. Javé mesmo os guiará e os consolará de todo sofrimento (31.9). Em suma: os 26 versículos 6 tratam dessa alegria singular que o Senhor² mesmo fará a Israel.³

² Javé e Senhor são formas de se referir ao Deus de Israel, em seu nome pessoal, nesta pesquisa.

³ A alegria / exultação é um marco do povo que será congregado pelo Senhor “naquele dia” (v. 7, 12, 13).

1.3 – O contexto posterior (Jr 30.1-31.30)⁴

Israel permanecerá (Jr 31.35-37). O texto da NA é seguido pela promessa da seguridade de Israel como nação. Este texto nos diz que há apenas duas maneiras impossíveis de cancelar a existência de Israel: Primeiro – se as leis naturais, que regem o dia e a noite, puderem ser anuladas. Segundo – se os céus e a terra puderem ser medidos em suas extremidades. Obviamente, Deus está, desta forma, declarando que, assim como são imutáveis as leis e impossíveis de serem medidos os céus e a terra, ele também não deixará que Israel deixe de existir como nação. Como nação, Israel terá localização geográfica, um governo, religião. Promessas que serão cumpridas nos fins dos tempos.

Há de se considerar também a propriedade desta promessa. Deus acabara de falar sobre uma nova aliança que ele fará com o povo de Israel. Mas levantou-se uma pergunta na mente dos ouvintes: Como isso acontecerá, se a Babilônia está acabando com Judá e o levando para o cativeiro? Como poderia isso acontecer se o profeta, que garante que Israel vai para o exílio, diz também que Deus terá nova aliança com este mesmo povo? (Jr 32).

Daí vem a resposta divina: assim como não se pode anular as leis da natureza, não se pode anular a existência de Israel como povo de Deus, e com ele Deus fará a NA. Uma profecia de representação é colocada: o campo de Hananeel (Jr 32). A situação de Jeremias não é das melhores. Ele está encarcerado por profetizar contra o rei e Jerusalém. Ambos seriam levados cativos pelo rei de Babilônia. Mesmo que todos os seus esforços fossem colocados para resistirem a Babilônia, ainda assim Jerusalém cairia.

Nessa situação, Jeremias é levado a ter fé no Senhor de que tudo o que ele tem dito, em relação ao seu povo, ele fará sem que haja impedimento (Jr 30-31). E de uma forma vívida, o profeta é levado, pelo Senhor, a comprar o campo de seu primo Hananeel, mesmo num tempo que jamais alguém faria tal coisa. Mas para fazer isso, o profeta precisa ter fé na Palavra do Senhor (Jr 32.6-15). Depois de feito o negócio, parece que Jeremias não compreende bem o que o Senhor quer ensinar com aquela compra que lhe mandara fazer (Jr 32.16-25). Afinal de contas, os caldeus estão quase tomando a cidade. Como ele tomaria posse da propriedade recém-adquirida?

⁴ Os textos do contexto posterior que foram tratados quando o contexto anterior foi analisado, sob a expressão “eis que vêm dias”, não serão mais tratados aqui.

A resposta divina vem para dar a Jeremias o entendimento de tudo que Deus quer mostrar como aquela situação (32.26-44). Primeiro – Deus destruirá a cidade por meio dos babilônios. Porque o povo pecou grandemente contra Deus, com sua idolatria, injustiça social e prostituição. Não há, em qualquer camada da sociedade, quem escapasse a essas perversidades (32.3-32). Segundo – mesmo diante desse agravante, Deus ainda lhes concedeu oportunidade para que se arrependessem, mas não lhe deram ouvidos, ao contrário, aprofundaram-se em seus pecados, voluntariamente rejeitaram a Palavra do Senhor (32.33-35).

Terceiro - Ainda que a situação seja insuportável, e nela, aparentemente, não haja esperança, Deus tem palavras de consolo e esperança para o povo: Deus os reunirá e os fará habitar com segurança outra vez (32.27). Ele os converterá a ele e lhes fará grande bem, dando-lhes aliança eterna e coração sincero no temor do Senhor (32.38-40). Ele terá, no seu povo, motivo de alegria, em contraste com a situação presente, na qual o povo é totalmente desviado do seu Deus (32.41, 43), e lhe causa grande tristeza.

Quarto – Assim como Jeremias comprou o campo de Hananeel, Israel voltará para a sua terra, e nela negociará (32.42-44). A razão básica disso é o próprio Senhor. Ele é a causa da mudança de sorte do seu povo. Como ele foi fiel em trazer juízo, de igual modo, ele será fiel para trazer bênção. Em resumo, o ato de Jeremias de comprar o campo de Hananeel foi profético. Deus voltará a restaurar o povo à sua terra, seguramente, e nela comprarão e venderão.

A conclusão do Livro da Consolação está em Jr 33. Este capítulo apresenta a tríplice restauração. Primeiro, a restauração do povo à sua terra; em segundo lugar, a restauração da propriedade do povo; finalmente, a restauração do reino à família davídica. A restauração do povo à sua terra está em 33.1-8. O v. 2, aliado com o v. 3, mostra Deus como o autor do juízo e bênção. Este tema já esteve presente nestes capítulos (32.33-41). Ele é o Deus “que faz estas coisas”, o juízo iminente sobre Jerusalém.

Mas também ele tem grandes coisas para serem reveladas ao seu povo. A palavra para coisas ocultas é *בצור* (v. 3), a qual significa “inacessível”, coisas que não podem ser pesquisadas ou descobertas por intuição ou interesse humanos. Essa palavra, normalmente, se refere a cidades fortificadas e não acessíveis para o inimigo que a cerca. Mas aqui tem o sentido das coisas inescrutáveis desse capítulo (e de Jr 30-32), as quais

se relacionam à restauração da nação de Israel, reinstituição da dinastia davídica e do sacerdócio levítico.

Volto a frisar que o povo não tem qualquer esperança de que isso aconteça. Pois até as casas dos reis estão derrubadas (33.4). A sombra da morte ameaça o povo da cidade sitiada pelos babilônios (33.5). Toda aquela desgraça é devida a ira de Deus. Mas há esperança para Israel e Judá. Tudo aquilo que está acontecendo não se compara com as coisas grandes e ocultas que Deus tem para Israel. O Senhor mesmo os fará tão abençoados que jamais se lembrarão do passado. Eles terão saúde, paz e perfeita segurança reinstalados na sua terra (33.6, 7), onde receberão purificação e perdão por seus pecados (33.8).

Outra coisa grande e oculta que Deus tem para revelar a Israel é a restauração da propriedade nacional de Israel (33.9-13). Esses versículos mostram o pesado contraste entre o que o povo está vendo e o que acontecerá à nação nos “últimos dias”. A nação transformou-se em um caos devido ao pecado do povo. Entretanto, devido à graça e misericórdia de Deus, Jerusalém será reconstruída, trazendo louvor e temor das nações que ouvirem do bem e da paz que Javé fará ao seu povo (33.9).

A terra que está assolada pela guerra, sem homens nem animais, voltará a ser habitada. Homens terão seus rebanhos para pastar nos campos de Israel. O templo estará em Jerusalém, para onde serão levadas as ofertas de gratidão (33.9-13). A alegria, porém, só estará completa com a restauração do rei davídico. Juntamente com ele será restaurada a linhagem sacerdotal para ministrar no templo (33.11, 14-26).

Em suma, para encerrar esse tratamento do contexto, uma questão há para responder: Como esse contexto se relaciona com Jr 31.31-34? Há elementos que aparecem repetidamente no contexto. A terra será habitada pela nação de forma definitiva. Assim, a NA será feita com o povo restaurado à sua terra. O povo de Israel será libertado do domínio dos agressores, e não mais voltará a ser subjugado por qualquer não estrangeira.

Ele aumentará, habitará a terra em bem-aventurança, manterá novo relacionamento com o seu Deus (31.1; 30.22; 31.33-34; 32.38; 33.7, 8). A NA capacitará o povo a ter um relacionamento santo e duradouro com o seu Deus, porque a lei do seu Deus estará escrita na sua mente.

O rei libertará e trará paz ao seu povo. Às vezes o texto diz que o Senhor será quem libertará o seu povo, e às vezes diz que será um descendente de Davi que fará isso (30.8, 9, 31; 33.14-16). Isso quer dizer que o descendente de Davi será tanto divino quanto humano, ou que o tal descendente será completamente dominado pela Lei de Deus que será considerado como o próprio Deus.

A cidade, Jerusalém será reedificada para nunca mais sofrer qualquer dano. O sacerdócio, mesmo que o exílio viesse a ser uma quase extinção da linhagem sacerdotal, Deus voltará a trazê-los para que oficiem no templo. Todos esses elementos terão valor a um povo que entrará num novo concerto com o seu Deus, de forma que não mais se desviem dos seus caminhos e venham a ser destruídos. Outro lado a ponderar é a referência repetida à segurança que essas profecias têm de serem cumpridas (32.38-46; 31. 1-6; 30.1-3). Elas são colocadas no futuro, assim como a NA (Jr 31.31//30.17,18; 31.27).

Antes de seguir, deve-se terminar essa parte com uma poesia de Isaías 9. A impressão que dá é que Jeremias parece ter lido esta profecia de Isaías enquanto enunciava os capítulos relacionados à Nova Aliança. No meio de tantas trevas, Jeremias profetiza a vinda da luz, como em Isaías.

"O povo que andava em trevas,
viu grande luz,
"E aos que viviam na região da sombra da morte,
resplandeceu-lhes a luz".

Depois de analisar o contexto de Jeremias 31.31-34, a pesquisa prossegue para o texto central da NA no Antigo Testamento, a fim de notar sua estrutura e conteúdo.

2 – O TEXTO DA NOVA ALIANÇA (Jr 3L.31-34)

2.1 – O texto de Jr 31.31-34

2.1.1 – A estrutura do texto

O texto mistura prosa com poesia intercalado com a declaração: "diz o Senhor" (נאם יהוה). A declaração "Diz O Senhor" aparece quatro vezes neste texto. Ela abre e fecha a primeira seção (v. 31, 32) e a segunda (v. 33, 34) (KAISER JR., 1980, p. 241). O significado básico de נאם é "declaração", "oráculo". Seu aparecimento e repetição canalizam a atenção para a origem e autoridade do que é dito (HARRIS et ali, v. 2, 1980, 541-542). A origem está em Javé, o qual garante o cumprimento da NA. A garantia está no seu caráter – Ele não pode mentir (Nm 23.19).

A primeira seção trata das pessoas com quem Deus fará a NA, Israel e Judá. Note, porém, que no v. 33 apenas Israel aparece, mostrando a unidade do povo de Deus, constituído de 12 tribos. Também há expressado nestes versículos a razão por que é necessário a NA.

A segunda seção trata do conteúdo propriamente dito da NA, que culmina com dois כִּי, "porque": "Porque todos me conhecerão" e "Porque/pois perdorei as suas...". É na segunda seção que aparecem os traços de poesia:

Primeiro - um paralelismo sinônimo: "Na mente lhes imprimirei as minhas leis" // "No coração lhes inscreverei". Segundo – um paralelismo sinônimo em forma de quiasmo; "Perdorei as suas iniquidades" // "Dos seus pecados jamais me lembrarei".

2.1.2 – O verbo כרת

Este verbo significa, literalmente, "cortar uma aliança", numa referência ao sacrifício que era feito para selar a aliança que estava sendo realizada.⁵ O verbo כרת

⁵ Nem todas as alianças feitas no AT eram sucedidas por sacrifício. Entretanto, normalmente, uma aliança era selada com a morte de um animal que era comido em uma refeição pactual (ver Jacó em Gn 31.44-54). BDB, p. 136-137, 503-504.

aparece três vezes dentro de Jr 31.31-34. Nas duas primeiras ocorrências o verbo está no perfectivo (כרתִי, v. 31, 32).⁶ Na terceira está no imperfectivo (אכרת, v. 33).⁷

No v. 31 o perfectivo é correlativo, onde a relação é feita com o particípio que antecede (באֵיִם, "nos dias que vêm farei", ou "nos dias que estão vindo"). Esta tradução mais dinâmica dá a ideia de que a NA será feita naqueles dias futuros, já marcados pelo Senhor. No v. 32, o verbo está num perfectivo simples, o qual faz referência à aliança sinaítica. O verbo perfectivo tem ações ou estados acabados e certos. O profeta está olhando para uma única coisa – seja a NA, seja a aliança do Sinai. Vê-a de modo inteiro, indicando-a como certa. Com o perfectivo, a NA é vista na sua inteireza e certeza.

O imperfectivo, do v. 33, é progressivo ("e começarei a fazer"). Enquanto o perfectivo vê a ação acabada – o quadro inteiro a NA é visto, o imperfectivo aponta para a ação em desenvolvimento, revelando o dinamismo de Javé em realizar, num ato de graça, todas as ações que beneficiarão o seu povo (v. 33, 34). A ideia de começar aponta para o desenvolvimento da implantação da NA.

O verbo כרת pressupõe um sacrifício para que a NA seja selada, como apontado acima. Assim sendo, pode-se notar que o sacrifício exigido para selar essa aliança eterna não deveria ser repetido, mas definitivo. É justamente esse elemento que Hb 8-10 argumentará a favor do valor do sacrifício de Cristo para selar a NA.

2.2 – Os elementos da Nova Aliança⁸

O feitor da NA será o Senhor (v. 31). Num futuro de dias de cumprimento, o próprio Javé tomará a iniciativa de fazer a NA com o povo já restaurado à sua terra (v. 27, 28).

⁶ O perfectivo hebraico aponta para o tipo de ação que enxerga o evento como um todo, não em desenvolvimento, como o imperfectivo

⁷ Esta análise será baseada na apostila do Dr. Harbin, "A sintaxe do verbo hebraico bíblico", dada em curso de hebraico, no segundo semestre de 1987, FTBSP. Material não publicado.

⁸ Principais fontes consultadas para essa parte da pesquisa: FEINBERG, 1988, p. 217-222; KAISER, 1980, p. 239-243; PENTECOST, 1964, p. 241.

2.2.1 – O nome: Nova Aliança

Jeremias está profetizando um pacto que não será igual ao antigo. O texto diz NOVO, não uma renovação do anterior. Isso, por implicação, indica que o pacto em vigor se tornou desusado, e, portanto, ineficaz. O fracasso do pacto sinaítico, porém, não se deve ao lado divino, mas ao humano. Jr 31.32 diz "eles anularam". Convém mencionar que esse é o único lugar no Antigo Testamento (AT) que o nome Nova Aliança é usado.

2.2.2 – Com quem será feito? Com a casa de Israel e Judá (v. 31)

Note que não há maneira de se entender essa expressão de modo simbólico. Todo o Livro da Consolação, do qual faz parte o texto da NA, deve ser entendido como relacionado com o Israel literal. Note também que é ao povo de Israel unido, Israel e Judá, demonstrando que para Deus não há dois povos descendentes de Jacó, mas apenas um povo de Deus no AT. A NA será uma nova constituição estabelecida por Deus com a nação de Israel (BDB, p. 137). Isso não quer dizer que não haja aplicação aos gentios. Os gentios foram beneficiados pelo pacto mosaico (Raabe, Rute, os gibeonitas, por exemplo), e não serão esquecidos na NA.

2.2.3 – Continuidade e descontinuidade dentro da Nova Aliança⁹

Os elementos de continuidade podem ser vistos assim: O Deus é o mesmo de Abraão, Isaque e Jacó. Foi também quem tirou o povo do Egito e fez aliança com ele no Sinai. O povo é o mesmo – Israel, a nação eleita de Javé. O ideal do Sinai é o mesmo: "serei o seu Deus, e ele será o meu povo". A lei não é uma nova lei, mas a lei do Senhor dada no Sinai.

Há elementos de descontinuidade. A NA não depende da interpretação do homem ou de elementos externos à Lei. As ressalvas são expressas com "não como/conforme" (v.32), e duas vezes "não mais/ainda" (v.34). Não será uma aliança que o homem pode anular, como a primeira (v.32), nem haverá a necessidade de intermediários para o conhecimento de Deus (v.34).

⁹ Esse material toma por base, especificamente, KAISER, 1980, p. 241-242.

É uma aliança imutável que repousa no caráter imutável de Deus. Quatro vezes aparece "diz o Senhor" no texto da NA, e outras cinco nos v. 35-40. Deus tem um propósito imutável, ilustrado pelas leis da natureza que são imutáveis (31.35-37; 33.20-22). O conhecimento de Deus será universal (Jr 31.34), porque as leis do Senhor estarão imprimidas nos corações do povo de Israel. O que implica em conversão nacional (v. 33).

Cada um agirá baseado nesse conhecimento perfeito que todos terão do seu Deus. No antigo pacto as leis foram escritas numa pedra, no novo serão escritas no coração, o que promoverá mudança extraordinária no coração, vontade e consciência. A instrução do Senhor tornar-se-á a princípio de vida como jamais fora, será parte da natureza íntima do povo de Deus. O coração é o homem em seus aspectos emocional, ético e intelectual.

Assim, o homem terá obediência total a Deus, porque todo o seu ser será convertido a Deus. Seu intuito sempre o encaminhará para Deus. Dessa forma, Deus fará um pacto que não poderá ser quebrado pelo homem.

O clímax da NA está no perdão dos pecados. Ele é ampliado pela ideia do total esquecimento de todas as iniquidades do povo. O perdão é completo (v. 34). O verbo "perdoar" tem suas ocorrências sempre relacionadas com Deus, nunca com o homem. É sempre Deus que perdoa o pecador, nunca a homem (HARRIS et alli, 1980, p. 626).

O verbo "lembrar" tem sua negativa em três aspectos. Primeiro, Deus não promoverá um ato interno, em sua mente, de lembrança dos pecados perdoados, isto é, ele não os rememorar. Segundo, como resultado do não trabalho da memória, não haverá mais atos disciplinares de Deus, como o exílio. Terceiro, Deus não mais trará à lembrança do povo, por citação, os pecados passados dele (HARRIS, et alli, 1980, p. 241).

2.3 – O Modelo da NA

Antes de seguir em frente, vale a pena salientar que, segundo Merrill (2009, p. 240), há dois modelos de aliança dentro do AT. O primeiro é aquela aliança suserano x vassalo. Essa se caracteriza principalmente pela sua condicionalidade. Para que ela tenha plena execução, Israel tem que obedecer. Caso contrário, receberá suas penalidades. Entre esse modelo estão as alianças sinaítica e a deuteronomica.

O segundo modelo é chamado de aliança de concessão real. O suserano concede, graciosamente, seus benefícios a um vassalo.

(ela consiste) no fato de ser unilateral e incondicional na forma e no intento e de consistir na concessão de um benefício ou bênção por um superior a um inferior apenas com base na boa-vontade do benfeitor e na lealdade do beneficiário (2009, p. 240).

A NA, assim como a Aliança Abraâmica, inclui-se nesse modelo. Deus concede sua NA a um povo indigno, por pura concessão real de sua Graça. Ela é a demonstração da grandeza divina diante de seu povo. Além disso, ela demonstra que Deus não recua de suas promessas (Gênesis 12.1-3), reafirmadas por meio de juramento, como em Gênesis 22, após o quase sacrifício de Isaque.

Na Teologia do AT editada por Zuck, Merrill afirma o seguinte:

A concessão era um favor explicável por nada mais que o prazer soberano do benfeitor. E da mesma maneira que a concessão era incondicional, assim era a manutenção. O concerto permaneceria em vigor a despeito do comportamento de quem o recebesse. Tudo que pudesse ser afetado positiva ou negativamente pela reação do beneficiado era o prazer dos benefícios da concessão e a sua continuação” (1991, p. 39).

Pode-se afirmar, portanto, que a NA é elevada demonstração da bondade de Deus dirigida para seu povo, Israel. Mas a ideia não está presente somente em Jeremias 31. Ela aparece em outros textos, como será visto a seguir.

3– A NOVA ALIANÇA NOUTROS LIVROS DO AT

3.1 – Variedade de Textos

A NA é um termo exclusivo de Jr 31, mas seus elementos básicos, não. Há ocorrências em outros profetas que dizem respeito a essa aliança. Isaías 59.21 diz que para sempre estarão as palavras e o Espírito do Senhor com eles, o seu povo. Esta é a aliança do Senhor com eles. Em 2.2-5 diz que haverá o estabelecimento da casa do Senhor, a adoração das nações e paz universal (cf. Is 11.6-9). Em 61.6-9, a aliança feita com Israel será eterna, e Israel será chamado de povo abençoado pelos povos. Também em 55.3, esta aliança é chamada perpétua. Já em 11.1, 2, o rei davídico terá total direção do Espírito de Deus.

Por sua vez, Ezequiel 16.60-62 dia que a aliança será eterna e tudo que Israel fez de errado será perdoado. Em 37.21-28, os filhos de Israel serão reunidos de todas as nações na sua própria terra, um rei davídico reinará sobre eles, uma aliança de paz e perpétua será feita com Israel, onde o ideal da aliança será cumprido, e Israel habitará em paz e prosperidade (34.25, 26).

Outros profetas também falam dessa Aliança, a seu modo. Oséias 2.18-20 fala de um período de paz e prosperidade universais. Joel 2.32 em diante – possessão universal do Espírito do SENHOR.

Em resumo, se for feito um paralelo, será notado que esses elementos vistos nos outros profetas se encontram dentro do Livro da Consolação de Jr 30-33. Observe que a NA ainda não foi cumprida para Israel como nação.

3.2 – O Contexto de Aplicação Plena da NA

Resta para essa pesquisa responder a questão da aplicação plena da NA. O problema que se levanta aqui é: Em que tempo, no futuro, a NA terá sua aplicação plena? O profeta Isaías introduz, pela primeira vez, o conceito de “novos céus e nova terra” (65.17 e 66.22). Porém, a descrição desse ambiente totalmente novo parece mais com uma realidade ideal, mas com aspectos semelhantes aos da atual realidade, pois ainda haverá possibilidade de alguém pecar, mesmo que seja aos cem anos, sendo amaldiçoado por isso (65.20).

Para Constable, a afirmação de Isaías traria impacto na mente do povo que havia perdido a esperança com o Exílio.

Esta declaração também deve motivar o povo de Deus a obedecê-lo no presente. Deus não só realizaria outro Êxodo, trazendo Israel para fora da Babilônia e para a Terra Prometida, mas Ele também criaria outra Criação (2021, p. 447).

Entretanto, o livro de Apocalipse amplia esta ideia, dos novos céus e terra, para um estado de plenitude nunca visto, onde finalmente, todas as promessas, ainda por cumprir, incluindo os ideais da NA, serão cumpridas. Apocalipse 22.3 diz que na Nova Jerusalém não haverá mais maldição, elemento previsto na escatologia de Isaías para a Nova Terra.

Mas será aqui que o ideal da aliança será plenamente cumprido, como demonstrado em Ap 21.3.

Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles.

Esse ideal da Aliança Sináitica, “eu serei o seu Deus e eles serão o povo”, nunca cumprido com todas as suas implicações, em qualquer tempo da história, até hoje, será finalmente cumprido, na Nova Jerusalém, na Nova Terra. Somente aqui esse ideal terá o contexto apropriado para seu exercício pleno.

CONCLUSÃO

O povo de Israel, bem como a Igreja de Jesus Cristo, é um povo que tem nos seus livros sagrados esperança. Essa esperança aponta para o futuro, dizendo que os dias por vir serão incomparavelmente melhores que os da presente realidade.

Isaías 64.4 afirma que “desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera”. Paulo toma essa ideia e a desenvolve assim: “como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1 Co 2.9).

Foi fundamentado nessa Grande Esperança que o Professor Marcos Wilson veio para o Brasil e devotou sua vida ao ensino das Escrituras do AT, incluindo o Hebraico. Assim, a análise acima devo em parte a ele, por me iniciar no estudo do Hebraico Bíblico. Ao Senhor toda Glória, e minha expressão de gratidão aos Wilson's.

REFERÊNCIAS:

BROWN, Francis. **The New Brown - Driver - Briggs - Gesenius Hebrew and English lexicon**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1979.

CONSTABLE, Thomas L. **Constable's Notes on Jeremiah**. 2020 edition. Material em PDF. Publicado por SonicLight | Capela da Bíblia plano (planobiblechapel.org).

_____. **Constable's Notes on Isaiah**. 2021 edition. Material em PDF. Publicado por SonicLight | Capela da Bíblia plano (planobiblechapel.org).

ELWELL, Walter A., editor. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988. Volume 1.

FEINGERG, Charles L. **Jeremiah: A Commentary**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1982.

FEINBERG, John S., editor. **Continuity and Discontinuity - Perspectives on the Relationship Between the Old and New Testaments**. Wheaton, Illinois: Crossway Books, Good News Publishers, 1988.

HARBIN, Lonnie Byron. **A sintaxe do verbo hebraico bíblico**. Apostila dada em curso de sintaxe do hebraico bíblico, no segundo semestre de 1987, na FTBSP. Material não publicado.

HARRIS, R. Laird; GLEASON, L. Archer Jr.; BRUCE, K. Waltke, editors. **Theological Wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody Press, 1980. Volumes 1 e 2.

KAISER, Walter C. Jr. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. London, New York: United Bible Societies, 1975.

PENTECOST, J. Dwight. **Things to Come**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1964.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2006.

SHEDD, Russell Philip, editor. **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983. Volume 2.

_____. **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983. Volume 1.

ZUCK, Roy B., editor. **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 1991.

Bíblias:

NET Bible First Edition. Jeremiah 1. Material extraído da Bible.Org

ARA – **Almeida Revista e Atualizada** da SBB. Bíblia Online - ARA - Almeida Revista e Atualizada (bibliaonline.com.br).